

A GENEALOGIA NIETZSCHIANA NA INTERPRETAÇÃO DE DELEUZE: SOBRE O VALOR DOS VALORES

THE NIETZSCHEAN GENEALOGY IN DELEUZE'S INTERPRETATION: ON THE VALUE OF THE VALUES

Felipe Szyszka Karasek*

Resumo: O objetivo deste estudo é apresentar a interpretação de Gilles Deleuze sobre a genealogia nietzschiana. Para Deleuze, a intenção principal de Nietzsche é introduzir na filosofia os conceitos de sentido e valor. Assim, a noção de valor implicaria uma inversão crítica. Por um lado, os valores aparecem ou dão-se como princípios: uma avaliação supõe valores a partir dos quais aprecia os fenômenos. Mas, por outro lado e mais profundamente, são os valores que supõe avaliações, pontos de vista de apreciação, donde deriva o seu próprio valor. O problema crítico é este: o valor dos valores, a avaliação donde procede o seu valor, portanto o problema da sua criação. Nesse sentido, a leitura de Deleuze sobre a genealogia nietzschiana procura demonstrar a tentativa de Nietzsche de pensar sobre a gênese dos valores.

Palavras-chave: Genealogia. Valor. Crítica. Nietzsche. Deleuze.

Abstract: The aim of this study is to present Gilles Deleuze's interpretation of the nietzschean genealogy. For Deleuze, the main intention of Nietzsche, concerning philosophy, is to introduce the concepts of meaning and value. Thus, the notion of value would imply a critical reversal. On one hand, the values are or appear as principles: an assessment assumes values from which it appreciates the phenomena. On the other hand and more deeply, however, the values assume assessments, points of view of appreciation, from which its own value derives. The critical issue is the following: the value of the values, the evaluation from which the value derives, therefore, the problem of its creation. This way, Deleuze's interpretation of the nietzschean genealogy aims for demonstrating Nietzsche's attempt to think about the origin of the values.

Key-words: Genealogy. Value. Criticism. Nietzsche. Deleuze.

Analisando os escritos da juventude de Nietzsche podemos ver surgir a originalidade particular do seu pensamento, a sua visão artística do mundo e os vestígios que formarão, nas abordagens das obras posteriores a *O nascimento da tragédia*, os conceitos determinantes de sua filosofia, como transvaloração dos valores, além-do-homem e vontade de poder. Em sua juventude, por uma questão

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS / CNPq. felipe.karasek@gmail.com.

profundamente pessoal¹, o filósofo direciona o seu pensamento aos gregos, à origem da tragédia e a Sócrates, temas de estudo nos quais ele aplica a sua vontade de análise filosófica, aliada à metodologia do estudo filológico a qual estava vinculado. Desenvolve suas intenções em conferências, preleções e textos² até escrever *O nascimento da tragédia*, que publica para justificar a cátedra na Universidade de Basiléia. O objetivo principal da sua primeira obra é a suspeita sobre a serenojovialidade³ grega. A partir da interpretação do mito do Sileno⁴, Nietzsche investiga a cultura grega e afirma que a arte e a tragédia surgiram como uma transfiguração diante do horror e do pessimismo provocado pela percepção da finitude do homem e, além disso, que esta superação foi encontrada instintivamente. Para

¹ NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §1, pág. 13.

² Nietzsche, no exercício da sua atividade docente na Universidade de Basiléia, apresenta sua primeira conferência em 18 de janeiro de 1870, denominada *O Drama Musical Grego*, onde se encontram esboçadas as concepções sobre o teatro grego que serão expostas nos capítulos 7, 8 e 9, principalmente, de *O Nascimento da Tragédia*. Este texto foi publicado pela primeira vez em Leipzig, 1926, no *Primeiro Anuário da Sociedade de Amigos dos Arquivos Nietzsche*. Logo em seguida, em 1º de fevereiro de 1870, apresenta a sua segunda conferência, denominada *Sócrates e a Tragédia*, que apresenta a obra de Eurípedes e sobretudo o socratismo como agentes determinantes da decadência da arte grega. Foi impresso pela primeira vez no *Segundo Anuário da Sociedade de Amigos dos Arquivos Nietzsche*, em Leipzig, 1927. Nestas conferências, que foram proferidas para o público em geral, - ou seja, não restrito aos meios universitários -, Nietzsche apresenta suas idéias que amadureciam sob as influências de seus estudos filológicos, da filosofia de Schopenhauer e das concepções artísticas de Richard Wagner. *A Visão Dionisíaca do Mundo* seria escrito em junho - agosto de 1870, quando Nietzsche tinha 25 anos, na qual o apolinismo e, sobretudo, o dionisismo têm uma exposição inigualável, que nos permite, como em nenhum outro texto, compreender muito do fundamental dessas concepções. Foi impresso pela primeira vez no *Terceiro Anuário da Sociedade de Amigos dos Arquivos Nietzsche*, em Leipzig, no ano de 1928. Da união destes três ensaios Nietzsche escreve *O Nascimento da Tragédia*, que publica para justificar a sua convocação para a Universidade de Basiléia. Estes textos estão traduzidos na seguinte obra: NIETZSCHE, F. *A Visão Dionisíaca do Mundo e outros textos da juventude*. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Maria Cristina dos Santos de Souza; revisão da tradução Marco Casanova. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

³ *Heiterkeit*: clareza, pureza, serenidade, jovialidade, alegria, hilaridade, conforme J. Guinsburg esclarece, são as várias acepções em que a palavra é empregada no alemão. Quando se trata da *griechische Heiterkeit*, a tradução mais freqüente tem sido “serenidade grega”. Entretanto, a versão parece insuficiente e redutora por suprimir as demais remessas do termo. Por isso optou-se por um acoplamento de dois sentidos principais, utilizando-se sempre, nesta transposição do texto de Nietzsche, a forma “serenojovial”, “serenojovialidade” (Cf. Notas do Tradutor, em: NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pág. 145).

⁴ “Em uma antiga lenda grega, o rei Midas perseguiu na floresta, durante longo tempo, sem conseguir capturá-lo, o sábio Sileno, preceptor de Dioniso. Quando, por fim, ele veio a cair em suas mãos, perguntou-lhe o rei qual dentre as coisas era a melhor e a preferível para o homem. Obstinado e imóvel, o demônio calava-se; até que, forçado pelo rei, prorrompeu finalmente, por entre um riso amarelo, nestas palavras: – Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não *ser*, *nada* ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer”. (NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §3, pág. 36).

Nietzsche, com esta tese “adivinha-se em que lugar era colocado o grande ponto de interrogação sobre o valor da existência”⁵.

Ao mesmo tempo em que Nietzsche apresenta neste livro a sua tese sobre o surgimento da arte grega, o filósofo também descreve os motivos pelos quais a tragédia entra em decadência, apontando principalmente como motivo a racionalidade socrática.⁶ Nesse sentido, Nietzsche denuncia a condenação de Sócrates a tudo o que era realizado por instinto, à sua influência nas tragédias de Eurípedes, o socratismo da moral, a dialética e a suficiência do homem teórico. O instinto artístico transfigurador da realidade seria substituído pelo encadeamento de combinações lógicas para a arte, para a tragédia, para a moral, para a filosofia e para a vida do povo grego.

O socratismo é entendido como um utilitarismo prático e teórico, de fadiga fisiológica⁷, dominante nos tempos em que a tragédia entra em decadência sob a influência de Sócrates na tragédia euripídiana, na qual o herói não sucumbe mais pelo *pathos* do destino, e sim por sua culpa⁸ em algo determinado, por uma rede de intrigas. Nietzsche também suspeita da motivação socrática quando afirma:

[...] científicidade talvez apenas um temor e ante o pessimismo? Uma sutil legítima defesa contra – a verdade? Ó Sócrates, foi este porventura o teu segredo? Ironista misterioso, foi esta, porventura, a tua – ironia?”⁹.

Estas interpretações de Nietzsche sobre os gregos constituem um conceito de sabedoria trágica¹⁰, na qual está incluída a dualidade apolíneo-dionisíaca, a metafísica de artista e a questão do socratismo. Nesse sentido, Nietzsche pode ser considerado um filósofo trágico devido à sua aceitação irrestrita da tragicidade da vida e da sua compreensão do caráter efêmero e contraditório do mundo. Para chamarmos Nietzsche

⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §1, pág. 14.

⁶ Também denominada por Nietzsche de socratismo ou científicidade socrática (NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §1, pág. 14).

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §4, pág. 18.

⁸ Em alemão *Schuld*, que também pode significar “dívida”, somando à perspectiva filosófica que Nietzsche desejava apresentar.

⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §1, pág. 14.

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Souza. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pág. 64.

de filósofo trágico precisamos compreender a atitude do filósofo de elevar radicalmente o dionisíaco num estatuto filosófico.

O dionisíaco é o dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos. Não para livrar-se do pavor e da compaixão, não para purificar-se de um perigoso afeto mediante uma veemente descarga, mas para, além do pavor e da compaixão, ser em si mesmo o eterno prazer do vir a ser, esse prazer que traz em si também o prazer no destruir¹¹.

Nietzsche anuncia que antes dele não houve essa transposição do dionisíaco em um *pathos* filosófico devido à falta de sabedoria trágica, ou seja, ao dizer sim à vida, Nietzsche distancia-se de ser um filósofo pessimista. A afirmação do fluir e do destruir, o decisivo numa sabedoria dionisíaca, o dizer sim à oposição e à guerra, o vir a ser, com radical rejeição até mesmo da noção de "ser"¹², são perspectivas atuantes na sabedoria trágica de Nietzsche.

Analisando o conceito de sabedoria trágica em Nietzsche, pretendemos investigar as concepções do filósofo em seus estudos da juventude, principalmente o método escolhido para formular a interpretação sobre os gregos. Para nos aproximarmos desse objetivo, pensaremos sobre o seguinte problema: o que caracteriza o método genealógico? A sabedoria trágica é o resultado de uma análise genealógica? Para compreendermos o conceito de genealogia em Nietzsche investigaremos os estudos de Deleuze sobre a temática.

Para Deleuze, a intenção principal de Nietzsche é introduzir na filosofia os conceitos de sentido e valor. Para que surja uma filosofia moldada a golpes de martelo, a noção de valor implicaria uma inversão crítica.

Por um lado, os valores aparecem ou dão-se como princípios: uma avaliação supõe valores a partir dos quais aprecia os fenômenos. Mas, por outro lado e mais profundamente, são os valores que supõe avaliações, pontos de vista de apreciação, donde deriva o seu próprio valor. O problema crítico é este: o valor dos valores, a avaliação donde procede o seu valor, portanto o problema da sua criação¹³.

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Souza. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pág.64.

¹² *Ibidem*, pág.64.

¹³ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Portugal, Rés-Editora, 2001, pág. 6.

Nesse sentido, a filosofia crítica de Nietzsche, fundamentada na reflexão sobre o valor dos valores, possui dois movimentos inseparáveis: “referir todas as coisas, e todas as origens de qualquer valor, a valores; mas também referir estes valores a qualquer coisa que seja como a sua origem e que decida do seu valor”.¹⁴ Nestas afirmações, reconhece-se a dupla luta de Nietzsche, ou seja, contra aqueles que subtraem os valores à crítica, contentando-se em modificar os valores estabelecidos: os funcionários da filosofia; e contra aqueles que criticam, ou respeitam os valores fazendo-os derivar de fatos objetivos: os utilitaristas.

Talvez seja indispensável, na formação de um verdadeiro filósofo, ter passado alguma vez pelos estágios em que permanecem, em que têm de permanecer os seus servidores, os trabalhadores filosóficos; talvez ele próprio tenha que ter sido crítico, cético, dogmático e historiador, e além disso poeta, colecionador, viajante, decifrador de enigmas, moralista, vidente, livre pensador e praticamente tudo, para cruzar todo o âmbito de valores e sentimentos de valor humanos e poder observá-los com muitos olhos e consciências, desde a altura até a distância, da profundidade à altura, de um canto qualquer à amplidão. Mas tudo isso são apenas pré-condições de sua tarefa: ela mesma requer algo mais – ela exige que ele crie valores¹⁵.

Nessa perspectiva, Nietzsche cria o seu próprio valor sobre a tarefa do filósofo e, para Deleuze, o filósofo alemão forma também um conceito de genealogia,

[...] o filósofo é um genealogista, não um juiz de tribunal à maneira de Kant, nem um mecanicista à maneira utilitarista. (...) Ao princípio da universalidade kantiana, como ao princípio de semelhança querido aos utilitaristas, Nietzsche substitui o sentimento de diferença ou de distância (elemento diferencial)¹⁶.

A partir dessa afirmativa, Deleuze demonstra que o conceito de genealogia em Nietzsche significa simultaneamente valor de origem e origem dos valores, “genealogia significa o elemento diferencial dos valores donde emana o seu próprio valor”.¹⁷ Distanciando-se da utilidade, o direito de criar valores fundamenta-se no elemento diferencial, assim, genealogia quer dizer origem ou nascimento, mas também diferença e distância na origem, possibilitando ao elemento diferencial fundamentar-se em uma

¹⁴ *Ibidem*, pág. 6.

¹⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. Tradução de Paulo César de Souza. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, §211, pág. 117.

¹⁶ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Portugal, Rés-Editora, 2001, pág. 7.

¹⁷ *Ibidem*, pág. 7.

luta de opostos. A crítica de Nietzsche é concebida como uma ação, e não como uma reação, “o elemento diferencial não é crítico do valor dos valores, sem ser também o elemento positivo de uma criação”.¹⁸ O elemento diferencial, na interpretação deleuziana, é a condição genealógica:

A crítica não é uma reação do ressentimento, mas a expressão ativa de um modo de existência ativo: o ataque, e não a vingança, a agressividade natural de uma maneira de ser, a maldade divina sem a qual não se poderia imaginar a perfeição¹⁹.

Para Deleuze, nessa concepção de genealogia, Nietzsche espera uma nova organização das ciências, uma nova organização da filosofia, uma determinação dos valores do futuro. Além disso, podemos perceber que Nietzsche utiliza a genealogia como instrumento metodológico para produzir filosofia, ao aliar a crítica e a investigação com a interpretação e perspectiva, unindo a pesquisa filológica ao pensamento filosófico. Como percebeu Deleuze, Nietzsche instaura na sua filosofia os conceitos de sentido e valor, porém, construídos e inseridos como atitude crítico-criativa do filósofo.

Ao assumirmos a afirmação da crítica como identidade da diferença, criando constantemente a diferença, estamos criando constantemente um duplo sem semelhança do pensamento investigado. Esse perspectivismo faz o objeto estudado sofrer pequenas ou grandes torções, a fim de ser integrado a suas próprias questões.

É neste sentido que Deleuze

[...] incorpora conceitos ou transforma em conceitos elementos não conceituais, mas, ao proceder à repetição da diferença como uma maneira de pensar, está sempre criando a diferença, como se fosse um dramaturgo que escrevesse as falas e dirigisse a participação de cada pensador que integra à sua filosofia. Assim, é a compreensão da amplitude e do modo de funcionamento deste procedimento que modifica o texto, produzindo o seu duplo, que possibilita explicitar o diferencial próprio do pensamento de Deleuze – o que constitui a sua singularidade²⁰.

Nesse sentido, nessas inter-relações, a filosofia da diferença de Deleuze permite um processo de colagem, que faz com que apareça sob a máscara de Sócrates o riso do

¹⁸ *Ibidem*, pág. 8.

¹⁹ *Ibidem*, pág. 8.

²⁰ DELEUZE, Gilles. *Sobre o Teatro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2010, pág. 10.

Sofista e os bigodes de Nietzsche no rosto de Duns Scottus, criando uma identidade entre esses personagens afirmada e legitimada pela diferença e, não precisando necessariamente, identificar-se com nenhum deles.²¹ Para Deleuze, aquele que atingiu o ápice de uma filosofia da diferença foi Nietzsche, sua principal inspiração, mas, ao mesmo tempo, a sua leitura do filósofo alemão é “apenas a criação de mais uma máscara, a criação de um duplo sem semelhança”²².

Ao mesmo tempo, enquanto utiliza da perspectiva crítica de Nietzsche como metodologia de estender a filosofia, Deleuze se desvincula dela ao apresentar a sua interpretação subjetiva do filósofo como apenas mais um elemento de produção de saber, que está associado às diversas máscaras metodológicas adquiridas por ele nas suas investigações e interpretações de outros filósofos, formando uma teia de possibilidades que sustenta a formação de suas perspectivas. Ainda assim, tanto Deleuze quanto Nietzsche, apresentam a crítica como constituição, como criadora do novo, atuando como geradora a partir do próprio aspecto reativo e afirmativo: destruidor, reformador e afirmador.

A crítica como constituição apresenta-se como um aspecto crítico porque opera amputando, subtraindo alguma coisa. Essa subtração, atuando como renovação, além de fazer surgir um novo pressuposto que pode ser analisado esteticamente, oportuniza uma margem interpretativa implícita. A exaltação do signo atua sobre outra forma de sentido, atuando pela percepção da diferença, cessando de ser representação e constituindo-se como não representação, quando o sujeito interage e combina as perspectivas subjetivas com a interpretação dos seus perceptos, gerando um novo saber. A partir desse ponto, entendendo a abordagem da filosofia da diferença enquanto potencial gerativo da crítica e da interpretação, da possibilidade de afirmação de um novo saber, como geração da perspectiva afirmativa de conhecimento.

Se, para Deleuze, a genealogia nietzschiana está associada à instauração dos conceitos de sentido e valor na filosofia, a partir de um pressuposto crítico-interpretativo, para Nietzsche, a interpretação está além do mero subjetivismo como processo de desmascarar verdades. Trata-se de um processo primordial e incessante de constituição do mundo. Nesse caso, a interpretação é o caráter essencial a todo e qualquer conhecimento, o que é muito diferente de um subjetivismo em uma situação com teor ontológico próprio. O que atribui existência ao acontecimento é a dinâmica de

²¹ *Ibidem*, pág. 11.

²² *Ibidem*, pág. 12.

interpretação enquanto condição do acontecer como fenômeno, por este motivo não há nenhum acontecimento em si, há apenas o modo como o acontecimento é percebido. Isto faz com que existam grupos de fenômenos interpretados e reunidos por uma essência interpretativa.

Nietzsche, na sua crítica contundente sobre as verdades e sobre a metafísica, reflete sobre a possibilidade de alcançar um conhecimento do mundo para além da aparência, buscando um argumento sobre o problema do desprendimento dos sentidos, sobre a linguagem empírica como instrumento de conhecimento. Nesse caso, a essência e a essencialidade são algo perspectivístico e pressupõem uma pluralidade. Para Nietzsche, esta reflexão não ultrapassa o seguinte problema: que a pergunta *o que é isto?* significa sempre *o que é isto para mim?*

Este questionamento de Nietzsche pode nos levar para um outro problema: a interpretação no processo de constituição da realidade e a inexistência de propriedades ontológicas dadas são suficientes para caracterizá-las como princípios de constituição de mundo? Para afastar a possibilidade de um substancialismo, Nietzsche apresenta a sua tese do perspectivismo, na qual não há fatos, há apenas interpretações.

Contra o positivismo, que permanece junto ao fenômeno afirmando “só há fatos”, eu diria: não, justamente fatos não há, há apenas interpretações. Nós não podemos fixar nenhum fato “em si”: talvez seja mesmo um disparate querer algo assim. “Tudo é subjetivo”, vós afirmais: mas já isto é interpretação. O sujeito não é nada dado, mas algo anexado, colocado por detrás. – É por fim necessário colocar ainda o intérprete por detrás da interpretação? Já isto é poetização, hipótese. Conquanto a palavra “conhecimento” possui acima de tudo sentido, o mundo é cognoscível: mas ele é passível de receber outras explicitações, ele não possui nenhum sentido por detrás de si, mas infínitos sentidos, “Perspectivismo”²³.

No sentido nietzschiano, o próprio sujeito que interpreta, “tanto a ação quanto o agente são imaginados porque nascem de um processo primordial de abstração que os retira do solo de seu acontecimento originário”.²⁴ O que Nietzsche quer com essa afirmação? Colocando o sujeito como algo pensado, algo que também só assume existência pelo pensar, Nietzsche assume que “se dissipou completamente a necessidade de se inserir o intérprete por detrás da interpretação enquanto o seu suporte ontológico

²³ NIETZSCHE, Friedrich. KSA 12, 7[60]. Tradução de CASANOVA, Marco Antônio. Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 10, p. 27-47, 2001, pág.31.

²⁴ CASANOVA, Marco Antônio. Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 10, p. 27-47, 2001, pág.33.

próprio”²⁵. Para Nietzsche, o perspectivismo é uma doutrina que se encontra em uma ligação intrínseca com a ideia da infinidade de possibilidades de constituição perspectivística do mundo.

Não somos sapos pensantes, aparelhos de objetivação e registro com vísceras friamente dispostas. Precisamos constantemente gerar nossos pensamentos de nossa dor e dar-lhes maternalmente tudo o que temos em nós de sangue, coração, fogo, desejo, paixão, sofrimento, consciência, destino, fatalidade. Viver significa para nós transformar incessantemente tudo o que somos e tudo o que nos diz respeito em luz e fogo: não podemos agir de outra maneira²⁶.

Tanto para Nietzsche, quanto para Deleuze, os sentimentos, as afecções, as sensações, a combinação dos prazeres e desprazeres como pulsões maximamente diversas, estão associadas à medida que nenhum pensamento pode ser realizado para além dessa combinação. Essa complexidade seria a possibilidade de interpretação de mundo, assumindo, a partir deste entendimento, a capacidade crítica e existencial de gerar novos saberes. Ambos perceberam no estudo da estética e da arte, na filosofia da diferença e no perspectivismo, a possibilidade da geração de saberes que ultrapassavam as formas de criação, que, além de conectadas à questão crítico-interpretativa sobre o mundo, pretende gerar um saber a partir dos conceitos e das sensações.

Parece ser possível entender a criação do conceito de sabedoria trágica desenvolvido por Nietzsche em sua juventude como metodologia genealógica do filósofo alemão, utilizando a interpretação de genealogia realizado por Deleuze. Podemos ainda, pressupor que a genealogia do jovem Nietzsche pode ser entendida como o vestígio do perspectivismo que se desenvolveria em sua filosofia da maturidade. Na filosofia de Nietzsche, percebemos o seu esforço para a desconstrução e desmistificação dos valores, mostrando que os supostos valores eternos e imutáveis seriam produtos de circunstâncias específicas, formados a partir de motivações humanas, com raízes na esfera instintiva e pulsional do ser humano, como no conceito de sabedoria trágica apresentado como referência para estudo.

²⁵ *Ibidem*, pág.35.

²⁶ NIETZSCHE, Friedrich. KSA FW/GC §127. Tradução de CASANOVA, Marco Antônio. Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 10, p. 27-47, 2001, pág.36.

Referências

- CASANOVA, Marco Antônio. Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo. In: *Cadernos Nietzsche*: São Paulo, v. 10, p. 27-47. 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *Nietzsche e a Filosofia*. Portugal: Rés-Editora, 2001.
- _____. *Sobre o Teatro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze, a Arte e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *A Visão Dionisíaca do Mundo e outros textos da juventude*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Edição Colli e Montinari. Berlim: Walter de Gruyther & Co., 1967-78.
- SCHLECHTA, Karl. *Der Junge Nietzsche und das Klassische Alterum*. Mainz: Florian Kupferberg, 1948.

Artigo recebido em: 20/07/10

Aceito em: 22/11/10